

## **SÍNDROME DO IMPOSTOR NO CONTEXTO ECLESIAÍSTICO**

Um tema que tem aparecido cada vez mais na mídia é a chamada “Síndrome do Impostor”. Grande parte do interesse começou a partir da declaração da atriz inglesa Emma Watson, conhecida por interpretar a personagem Hermione Granger, da série Harry Potter, arrebatando uma legião de fãs, que disse se sentir uma fraude. Na mesma época, a chefe operacional do Facebook, Sheryl Sandberg, admitiu ter se sentido uma fraude em vários momentos da carreira. A revista *Você S/A* resolveu entrevistar uma especialista no assunto, a Dra. Valerie Young, que explicou a síndrome como sendo uma sensação de incompetência, acompanhada pelo sentimento de que não foi o profissionalismo ou talento que fez alguém chegar ao sucesso, mas sim pura sorte. E o pior: quem tem a síndrome sempre acha que uma hora será desmascarado, e que sua suposta incompetência virá à tona. Profissionais que têm a síndrome acabam trabalhando cada vez mais, na esperança de serem reconhecidos e se sentirem mais seguros. Alguns deles começam a cobrar a si mesmos com tamanha rigidez que adoecem emocionalmente e, em função disso, acabam de fato perdendo a carreira.

Desde a primeira vez que li sobre a síndrome, cheguei à conclusão de que existe algo semelhante no contexto eclesiástico. Conheço uma série de líderes de igreja – em sua maioria pastores – que se sentem incompetentes, não reconhecem suas vitórias e virtudes, e alguns deles dizem estar sendo cobrados por Deus para realizarem um trabalho cada vez melhor. Como se não bastasse sua cobrança pessoal, eles ainda somam a ela uma visão religiosa punitiva e, no final das contas, se apresentam como péssimos líderes, que precisam fazer muito mais, ainda que isso resulte em doenças, abandono da família e outras situações causadas diretamente por esse trabalho incessante e ritmo frenético.

Muitos líderes de igreja se sentem despreparados, incapazes, indignos e até mesmo impossibilitados de trabalhar na igreja. Em alguns casos, até o modo como se apresentam à comunidade mostra esse sentimento de total depreciação pessoal. A baixa autoestima e o sentimento de inferioridade são nítidos. Será que esse é um sentimento adequado para a liderança eclesiástica? Será um bom exemplo para os liderados um líder que se autossabota e se sente um impostor? Particularmente, acho que não. Líderes podem e devem reconhecer seu valor pessoal, seu talento e, inclusive, reconhecer sua vocação, vendo-a como um privilégio. É sadio para um liderado ver que seu líder está empolgado e se sente desafiado com a missão. Mas, se um liderado vê em seu líder um sentimento de incompetência, por certo não terá motivação para tê-lo como exemplo.

Muitos líderes vão para o outro extremo e se tornam arrogantes e soberbos. Isso também não é sadio em qualquer contexto de liderança. Para garantir uma postura adequada, o líder deve manter-se humilde, consciente de que tem limitações, como qualquer ser humano, mas que também tem virtudes, talento e, no caso de um pastor, inclui-se o chamado ou a vocação ministerial. Consciente disso tudo, uma postura adequada de liderança eclesiástica incluirá o reconhecimento de seu valor, equilibrado pela humildade, que lhe mostrará o quanto depende de Deus e, ao mesmo tempo, precisa continuar aprendendo e crescendo em conhecimento e fé.

Não se deprecie e nem se anule. Você não é uma fraude: é uma pessoa competente, valorosa e foi chamada por Deus para cooperar com a grande obra que está acontecendo no mundo através da igreja. Como diz um antigo cântico evangélico, “quero que valorize o que você tem... você tem valor...”